

DF - eleição Sucessão no DF começa a definir os candidatos

Eduardo Balduino
Especial para o CORREIO

O quadro político-eleitoral do Distrito Federal, para outubro de 1994, está hoje claramente delineado. De um lado, PP, PFL, PL, PPR e o PMDB com mandato, liderados pelo governador Joaquim Roriz. A sua esquerda, alinham-se o PC do B, PT, PPS, PSDB, PSB, o que restou da legenda do PCB, e o PMDB sem mandato — ou votos. Esta configuração, no entanto, tem data-limite para sofrer uma surpreendente mudança. No próximo dia 9 de janeiro encerra-se o prazo de filiação, mudança de partidos, e até os dois líderes de preferência do eleitor brasileiro — Roriz e o ministro Maurício Corrêa — com as suas definições realinharão a disputa pelo GDF, pelas 11 vagas no Congresso Nacional pelas 24 cadeiras da Câmara Legislativa.

Impreterivelmente a partir do dia 9 este quadro tende a mudar. Embora não tenha se definido até agora, Maurício Corrêa já tem dito que só sai candidato em uma coligação forte, com certeza de vitória, e sem mudar o seu discurso de centro-esquerda que o levou até o Senado. Por sua vez, o atual governador Joaquim Roriz quer ter a certeza de que o PT não fará seu sucessor; isto exige um nome forte e, especialmente, de sua confiança.

Confortavelmente instalado em três anos de mandato, quando não só atendeu suas bases, mas também ampliou seu raio de ação como membro das comissões de Justiça e Ordem Social e dos Direitos Humanos da Câmara Legislativa, o médico e deputado distrital Agnelo Queiroz, do PC do B, trabalha hoje com as duas vertentes ideológicas já definidas, “para saber como

estamos caminhando rumos às eleições”, ensina. Nós temos aí para 1994, pelo menos teoricamente, quatro coligações, a partir do cargo majoritário do Executivo. A primeira, de Roriz, inevitavelmente, com candidato ainda a ser definido. O governador precisa de um nome forte, que traga também votos próprios, já que só com a transferência do seu prestígio, de seus votos, Roriz sabe que não será o bastante”, aponta Agnelo.

Coligação — Os progressistas — os esquerdistas foram pegos pelos escombros do império soviético — a princípio, saem também com duas coligações. uma já vem com o cabeça-de-chapa já sacramentada. Cristóvam Buarque foi indicado na prévia do Partido dos Trabalhadores e, acredita Agnelo, conseguiu unificar o PT em torno de seu nome. Esta coligação atrairia, ainda segundo Agnelo Queiroz, o seu próprio partido, o PSB e o velho PCB. “A segunda aliança progressista viria com o PSDB e com o PPS”. Voltando à linha governista, o deputado distrital aponta a coligação encabeçada pela candidatura de Wanderlei Valin, do PPR. “Valin se candidata para que o partido de Paulo Maluf marque presença no Distrito Federal, na Capital da República”, afirma categoricamente Agnelo Queiroz.

Além das definições partidárias de Roriz e de Maurício Corrêa, a CPI do Orçamento, no Congresso Nacional, e as próprias investigações que o GDF faz sobre o envolvimento do ex-secretário particular do governador em tráfico de influências e ainda envolvimento na rede de corrupção da Comissão de Orçamento terão peso nas eleições no Distrito Federal, na opinião de Agnelo Queiroz. “As investigações sobre as ações de Fábio Simão terão relevância menor, mas sem dúvida nenhuma as revelações da CPI do Orçamento serão motivo de reflexão por parte do nosso eleitorado, que é extremamente conscientizado”, acredita Agnelo.

12 DEZ 1993

CORREIO BRAZILIENSE